
A CIDADE E O AFETO: TOPOFILIA E TOPOFOBIA NAS RELAÇÕES DOS MORADORES COM O ESPAÇO DA REGIÃO CENTRAL DE BAURU/SP

THE CITY AND AFFECT: TOPOPHILIA AND TOPOPHOBIA IN THE RELATIONSHIPS OF RESIDENTS WITH THE SPACE OF THE CENTRAL REGION OF BAURU, SÃO PAULO

Giovanni Petersen Piassa¹

Paula Valéria Coiado Chamma²

Resumo

Essa pesquisa foi resultado como parte do programa de Iniciação Científica do curso de Arquitetura e Urbanismo das Faculdades Integradas de Bauru – FIB. O objetivo geral foi investigar as percepções e emoções dos moradores de Bauru/SP, em relação à região central da cidade, a partir do papel que o objeto de estudo desempenha na influência dos comportamentos e estados emocionais dos habitantes, abordando tanto a topofilia (afeição pelo espaço) quanto a topofobia (aversão ao espaço). A base teórica deste estudo abrange conceitos como psicogeografia, cognição socioespacial e imaginário urbano, enfatizando o impacto do espaço físico na cognição humana e na formação de memórias e a relação das pessoas com o ambiente físico. A pesquisa foi conduzida de maneira exploratória por meio de um questionário online aplicado aos moradores, possibilitando a identificação e diagnóstico de diferentes cenários que compõem a experiência urbana na região central de Bauru. Os resultados obtidos representam um recurso valioso para a compreensão das relações das pessoas com o ambiente urbano e têm o potencial de contribuir para a melhoria da qualidade de vida no Centro de Bauru.

Palavras-chave: Topofilia; Topofobia; Percepção urbana; Psicogeografia; Imaginário Urbano.

Abstract

This research was the result of a Scientific Initiation program of the Architecture and Urbanism course at “Faculdades Integradas de Bauru – FIB”. The overall objective was to investigate the perceptions and emotions of the residents of Bauru, São Paulo, regarding the city's downtown region, focusing on how the chosen subject influences the behaviors and emotional states of the inhabitants, addressing both topophilia (affection for space) and topophobia (aversion to space). The theoretical framework of this study encompasses concepts such as psychogeography, socio-spatial cognition, and urban imagery, emphasizing the impact of physical space on human cognition and memory formation, as well as people's relationship with the physical environment. The research was conducted in an exploratory manner through an online questionnaire administered to residents, enabling the identification and diagnosis of different scenarios that constitute the urban experience in Bauru's downtown region. The results obtained represent a valuable resource for understanding people's relationships with the urban environment and have the potential to contribute to improving the quality of life in Bauru's downtown.

Keywords: Topophilia; Topophobia; Urban Perception; Psychogeography; Urban Imaginary.

¹Faculdades Integradas de Bauru, giovanni_piassa@hotmail.com

²Faculdades Integradas de Bauru, <https://orcid.org/0000-0002-7522-4610>, arq.paula.chamma@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A paisagem urbana é um importante elemento da qualidade de vida urbana. O planejamento e a gestão das paisagens urbanas devem considerar os aspectos físicos, sociais e culturais da cidade, a fim de criar ambientes que sejam atrativos e convidativos para todos.

Conforme Peixoto (2003), a conceituação de paisagem abrange a noção de uma região com limites não rigidamente definidos, caracterizada pela constante interação de interesses, paixões e sentimentos. No contexto da paisagem urbana, estabelece-se uma complexa relação entre o ser humano e a natureza, embasada em componentes como objetos, luz, cores, sons e memórias (BONAMETTI, 2020).

A qualidade dos espaços públicos desempenha um papel fundamental na configuração dos usos e na atração das pessoas para essas áreas, envolvendo diversos elementos como construções, fachadas, fluxos, mobiliário, texturas, expressões culturais, paletas de cores e paisagens. É importante reconhecer que esses ambientes podem exercer influências tanto positivas quanto negativas sobre os comportamentos, processos cognitivos e estados de ânimo das pessoas que os frequentam. Ambientes que inibem os indivíduos tendem a ter um impacto mais acentuado, destacando, assim, a crucial importância de evitar espaços degradados que possam impactar adversamente a população (BONI, SALCEDO, 2019).

O objetivo desta pesquisa foi analisar as relações, emoções e sentimentos dos residentes de Bauru/SP, com foco na região central da cidade. Para abordar essa questão, a pesquisa adotou-se uma abordagem dialógica para explorar as percepções e sentimentos de topofilia e topofobia na sociedade em relação ao imaginário da paisagem urbana do Centro de Bauru. Isso foi alcançado por meio de uma metodologia que incluiu a aplicação de um questionário online aos moradores, permitindo a identificação e diagnóstico de diferentes cenários relacionados à experiência nesse ambiente urbano.

Na seção de fundamentação teórica, discutiu-se a importância da psicogeografia, destacando sua influência na cognição socioespacial. Também se abordou o papel do hipocampo e das amígdalas na formação de memórias e sentimentos relacionados ao espaço. Além disso, enfatizou a interdependência entre o espaço social e a mente humana na formação da compreensão da realidade. Explorou-se o conceito de imaginário urbano e como ele tem evoluído ao longo dos séculos, destacando a importância da fenomenologia na compreensão do comportamento humano na cidade. Apresentou-se a topofilia como o elo afetivo entre as pessoas e o ambiente físico, ressaltando a importância dos sentidos humanos na percepção do espaço, e também a topofobia como o oposto da topofilia, envolvendo sentimento de rejeição em relação a lugares específicos.

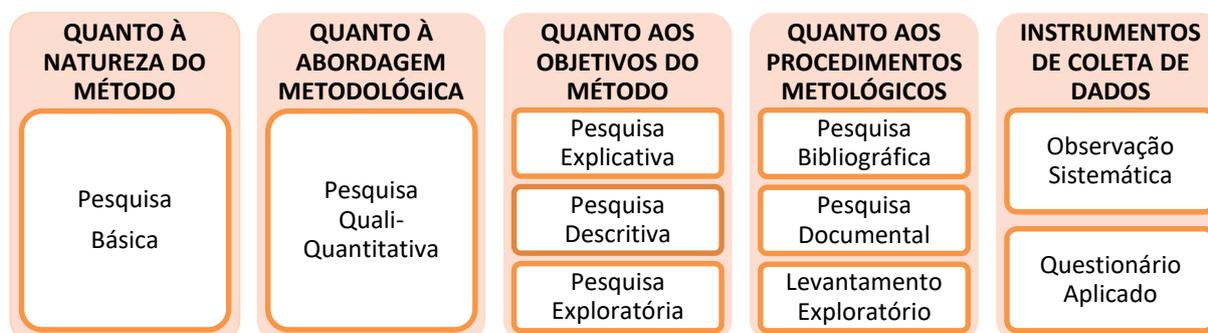
Já nos resultados e discussões, detalhou-se a metodologia utilizada no questionário online, que incluiu a coleta de dados pessoais dos moradores, a análise das interações dos

habitantes com a região central de Bauru e a avaliação das percepções em relação a elementos arquitetônicos e urbanísticos, obtendo respostas de um grupo diversificado de participantes, permitindo a análise abrangente das percepções e sentimentos em relação ao centro da cidade. Os resultados obtidos foram organizados em gráficos para uma compreensão acessível.

Em síntese, a pesquisa proporcionou uma visão abrangente e detalhada das experiências e percepções dos residentes de Bauru em relação ao centro da cidade, investigando os sentimentos de topofilia e topofobia. Os dados coletados representam um recurso valioso para a compreensão das relações das pessoas com o ambiente urbano e podem ser aplicados para aprimorar a qualidade de vida na região central de Bauru.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia deste trabalho sintetizou-se no Quadro 01, abaixo:



Quadro 01: Classificação das naturezas metodológicas do trabalho (Elaborado pelo autor).

A fundamentação teórica e as discussões deste estudo foram embasadas em análise bibliográfica, que incluiu livros, artigos e periódicos obtidos em bases de dados eletrônicos, como Google Acadêmico, Dedalus e Cedap. Além disso, foram realizadas leituras documentais de legislações e documentos do município de Bauru e, observação sistemática na análise dos contextos dialógicos do objeto de estudo.

A fim de adotar uma abordagem qualitativa e quantitativa na pesquisa, a coleta de dados foi realizada por meio de um questionário aplicado online, visando aprofundar a compreensão dos sentimentos de topofobia e topofilia dos moradores em relação ao Centro da cidade de Bauru.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1. A psicogeografia e a cognição socioespacial

A psicogeografia é uma disciplina interdisciplinar que estuda como as pessoas percebem, interagem e se adaptam ao espaço geográfico. Já a cognição socioespacial é um processo que envolve a interação entre o ambiente social e o comportamento individual em relação ao espaço. Ela é influenciada por fatores como a cultura, a etnia, a classe social e a experiência pessoal.

“O entorno geográfico entrama-se como modo de processamento cerebral. Disso, o Eu e o Outro são interpenetrados pelos lugares enquanto tempo espacializado na cognição socioespacial vivida. Não há topofilia ou topofobia sem o confronto para com as sensações perante a percepção: e essa trama seria simples, caso o Outro fosse ignorado, pois, através da coexistência há a erupção constante do inédito às psiques tramadas.” (LOPES, 2023).

A compreensão da psicogeografia, conforme abordada por Guy Lous Debord em 1955, define-se como o "estudo das leis exatas e dos efeitos precisos do meio geográfico, planejado conscientemente ou não, que atuam diretamente no comportamento afetivo dos indivíduos" (DEBORD, 2003, p. 39). A psicologia geográfica é uma disciplina interdisciplinar que se fundamenta em conceitos e métodos oriundos de diversas áreas, como geografia, psicologia, sociologia, antropologia, urbanismo e planejamento territorial. Seu objetivo é analisar como as pessoas percebem, interagem e se adaptam aos diferentes espaços e lugares que permeiam suas vidas, seja em suas residências, locais de trabalho, áreas de lazer ou deslocamentos cotidianos. Além disso, investiga como as características geográficas, como clima, relevo, vegetação, arquitetura, design urbano, infraestrutura e recursos naturais, influenciam as emoções, atitudes, comportamentos e escolhas das pessoas. A psicogeografia também explora o papel do corpo humano como um elemento ativo no comportamento, interagindo com o mundo e reagindo a suas peculiaridades (LOPES, 2023). Em essência, essa disciplina entrelaça as esferas do espaço e da psique, considerando como as interações entre ambos moldam a experiência humana no ambiente

O hipocampo, uma estrutura localizada nos lobos temporais do cérebro humano, desempenha um papel crucial no armazenamento de memórias explícitas relacionadas a eventos e marcos temporais. A função tradicionalmente atribuída ao hipocampo é a criação de um "mapa cognitivo" que permite a navegação no espaço físico (EICHENBAUM, 2015, p. 9). Por outro lado, as amígdalas têm um papel essencial na atribuição de sentimentos relacionados à espacialidade. Essas memórias envolvem processos de pensamento consciente (LOMBROSO, 2004). A cognição socioespacial emerge da interação entre o ambiente social e o comportamento individual em relação ao espaço (DORFMAN *et al.*, 2021, p. 277). Em

resumo, essas estruturas cerebrais desempenham papéis distintos na formação de memórias e na interpretação da espacialidade no contexto da cognição humana.

O entendimento da realidade é mais profundamente influenciado pelo ambiente social do que pelo ambiente físico, uma vez que o espaço social é uma construção resultante da psicologia humana e, simultaneamente, molda essa mesma psicologia. Em outras palavras, existe uma interdependência constante entre o espaço e a mente, gerando uma realidade socioespacial intrincada. Como observado por Miguel (2015, p. 154), a percepção humana começa pela detecção de estímulos, que desencadeiam reações no organismo, e a interpretação desse processo interno das vísceras é, de fato, o próprio sentimento. Isso sublinha a importância das interações entre o ambiente social e a percepção humana na formação da nossa compreensão da realidade.

Em conclusão, a mente humana é influenciada pela geografia do espaço em que vivemos, moldando nossa relação com os lugares e as experiências vivenciadas. O cérebro desempenha um papel crucial na criação de memórias e sentimentos relacionados ao espaço, com o hipocampo e as amígdalas desempenhando funções distintas nesse processo. Além disso, a interação entre o ambiente social e a percepção individual desempenha um papel central na formação de nossa compreensão da realidade. Portanto, a psicogeografia e a cognição socioespacial são campos de estudo que exploram a complexa relação entre a mente e o espaço, destacando a importância do entrelaçamento entre o ambiente físico e o ambiente social na formação de nossas experiências e percepções. Os textos apresentados enfatizam a interconexão entre o ambiente geográfico, a cognição humana e a formação de sentimentos como a topofilia e a topofobia.

3.2. A Topofilia

A formação da topofilia está profundamente enraizada nas sensações que emergem da percepção da coexistência do indivíduo com o ambiente circundante. Além dos cinco sentidos tradicionais (visão, audição, olfato, paladar e tato), os seres humanos possuem outras formas de perceber e interagir com o mundo, como a intuição, a imaginação, a memória e a emoção (TUAN, 2012, p. 6). Conforme o geógrafo Y. Tuan (1930–2022), criador do termo, a:

“Topofilia é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. [...] A palavra “topofilia” é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão.” (TUAN, 2012, p. 5).

Nossa resposta ao ambiente pode assumir diversas formas. Uma delas é a resposta estética, que varia desde o prazer fugaz de uma vista a uma sensação de beleza mais intensa

e efêmera, que se revela de maneira súbita. Outra forma de resposta é tátil, envolvendo o deleite de sentir o toque do ar, da água ou da terra. Porém, existem sentimentos mais permanentes e difíceis de expressar, relacionados a um lugar que chamamos de lar, repleto de memórias e que também é nosso meio de subsistência (TUAN, 2012, p. 107).

A visão desempenha um papel central na forma como percebemos o mundo ao nosso redor (TUAN, 2012, p. 8). Ela nos permite identificar estruturas e locais, facilitando a locomoção e possibilitando a observação de cenas variadas, desde pores do sol espetaculares em cidades encantadoras até a falta de infraestrutura em outros lugares. Assim, a visão é um aspecto comum na experiência, exceto para aqueles que não podem enxergar, pois eles constroem sua relação com o ambiente predominantemente por meio de outros sentidos (TUAN, 2012, p. 8). O tato também é uma ferramenta importante na percepção, especialmente para pessoas cegas. A audição, embora mais passiva, desempenha um papel crucial na forma como experimentamos lugares, uma vez que certos sons podem influenciar nossas experiências de maneira positiva ou negativa (TUAN, 2012, p. 10). Além disso, o olfato é relevante, pois os odores têm o poder de evocar memórias vívidas em algumas situações (TUAN, 2012, p. 11). Cada um desses sentidos desempenha um papel significativo em nossa interação com o ambiente e na formação de nossas percepções e experiências.

A tendência humana de categorizar elementos em pares duais e opostos é evidente, como observado por Tuan (2012, p. 18) que a mente humana parece naturalmente inclinada a organizar os fenômenos não apenas em segmentos, mas a disposição em pares opostos. Nesse contexto, a topofobia representa o oposto da topofilia, caracterizando-se pela aversão que uma pessoa sente em relação a um lugar ou ambiente físico.

3.3. A Topofobia

A topofobia é conceituada por Lindón (2009) como um conjunto de sensações que levam o indivíduo a experimentar sentimentos de rejeição em relação a um lugar específico. A topofobia compartilha um processo semelhante, no qual, com base nas percepções individuais, surge uma resistência, uma sensação de alienação e aversão a um lugar específico (JORDÃO, 2021).

O gênero pode desempenhar um papel significativo na formação de sentimentos de topofobia. Diferenças na massa muscular, na quantidade de gordura nos tecidos e na sensibilidade da pele entre homens e mulheres (TUAN, 2012, p. 61) podem levar a preferências distintas em relação a climas mais quentes ou mais frios, dependendo de qual ambiente se adequa melhor a cada gênero. A idade também influencia a experiência do espaço, especialmente entre pessoas idosas, que, devido a suas limitações de movimento

(TUAN, 2012, p. 66), podem desenvolver sentimentos de topofobia em locais com ruas íngremes, calçadas desniveladas ou outros elementos que dificultem sua mobilidade. Além disso, as cores presentes na cidade desempenham um papel na formação de sentimentos de topofilia ou topofobia. Ambientes mal iluminados, com paisagens cinzentas e sem vida, podem restringir a perspectiva das pessoas às características mais básicas de escuro e claro, preto e branco (TUAN, 2012, p. 28), tornando a topofilia mais difícil de existir e aumentando a probabilidade de surgir a topofobia.

3.4. O imaginário urbano

Nos últimos séculos, ocorreram mudanças significativas de paradigma que nos levam a repensar a abordagem da realidade urbana. Nesse contexto, o surgimento da fenomenologia merece destaque, pois direciona nossa atenção para uma compreensão mais profunda e criteriosa do comportamento humano e dos fenômenos ligados à imaginação e à subjetividade na cidade. Embora essa abordagem, centrada nos imaginários urbanos, tenha conquistado posição, ainda existem correntes científicas que negligenciam ou subestimam a importância desse tema. (FERNÁNDEZ; ÁGUILA, 2018).

Como afirmou Hiernaux (2007), ao destacar o trabalho de Durand, "este autor desenvolve os argumentos necessários para que não seja mais possível negar o poder do imaginário e promover seu reconhecimento como elemento central, embora não o único, para compreender o comportamento humano" (HIERNAUX, 2007).

A cidade não pode ser compreendida somente a partir de sua construção física e das relações que ocorrem nela. Como ressalta Pineda (2013, p. 73), "o espaço social está intrinsecamente ligado ao espaço físico", destacando a importância da apropriação e construção na perspectiva dos imaginários urbanos.

A capacidade humana de ser influenciada pelo espaço e, ao mesmo tempo, influenciá-lo cria uma ligação mútua entre o espaço físico, o sujeito-corpo e o sujeito-sentimento, conforme enfatiza Pineda (2009), fortalecendo ainda mais essa conexão.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1. Análise do objeto de estudo a partir dos contextos dialógicos

A análise do contexto dialógico da Centro da cidade de Bauru/SP parte através da compreensão do texto arquitetônico do seu uso social através da Prefiguração, fase hermenêutica de Paul Ricoeur, e da metodologia da *topogênese*, teoria de Muntañola,

compreendendo os contextos: histórico, urbano, político, econômico, ambiental, cultural e social (CHAMMA, SALCEDO, 2016).

Em 1856, na região denominada Boca do Sertão, Felicíssimo Antônio de Souza Pereira e Antônio Teixeira do Espírito Santo se estabeleceram no centro oeste paulista. Em 1885, através de uma doação de parte das terras da Fazenda das Flores, forma a Vila de Bauru (PELEGRINA, 1991). A criação do município de Bauru ocorreu em 1 de agosto de 1896.

As primeiras edificações do lugarejo se formaram na conhecida atualmente rua Araújo Leite, uma grande reta ligando o sentido norte-sul e cruzando com a atual rua 1º de Agosto, que formava o sentido leste-oeste e centro comercial, que na época eram as principais e delimitavam as áreas (GHIRARDELLO, 2002).

Na década de 1920, com a marcha para o Oeste paulista com formação das linhas férreas, foram instaladas na cidade de Bauru a Estrada de Ferro Sorocabana (EFS) e a Companhia Paulista de Estradas de Ferro (CPEF), em 1905 e 1910 respectivamente. No intuito de cruzar o Brasil até a Bolívia, para acessar o Oceano Pacífico, em 1906 instala-se a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (EFNOB), formando assim um importante complexo e entroncamento ferroviário que fortaleceu a economia do comércio, prestação de serviços e a formação do município (GHIRARDELLO, 1992). Com o declínio e desativação das estradas de ferro a partir dos anos 1950, as estações, oficinas e galpões são colocados à disposição do governo federal, que por sua vez redireciona os poderes para as prefeituras (GHIRARDELLO, 2020). Nos dias atuais, o Complexo Ferroviário de Bauru é tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo com a Resolução SC-22, de 22 de março de 2018 (CONDEPHAAT, 2018) e pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Bauru (CODEPAC, 2022). A memória da era de prosperidade ferroviária em Bauru é preservada no Museu Histórico Municipal de Bauru, que fica no prédio ao lado do complexo. A cidade também tem um programa cultural que incentiva a música, com a Orquestra Sinfônica Municipal, a dança, o teatro, e a educação e a história, com a Pinacoteca e a Biblioteca Municipal. Entre as opções de lazer, destacam-se o Parque Vitória Régia, que sedia vários eventos importantes da cidade, o Horto Florestal, que é uma área de proteção ambiental, e o Zoológico Municipal.

Atualmente, Bauru é a cidade mais populosa da região Centro-Oeste Paulista, com uma população de 379.146 habitantes e uma área territorial de 667,684 km² (IBGE, 2022). Além disso, seu PIB per capita é de R\$ 40.021,97 (IBGE, 2020). A cidade é dividida em 12 setores de planejamento urbano, baseados nas bacias hidrográficas. O Objeto de estudo está localizado na SPU-1 – Zona Central. A SPU-1 é uma região que tem muita oferta de comércio, serviços e instituições públicas, além de boa infraestrutura, mas falta moradia. Tem alta

densidade de ocupação do solo, com prédios de 10 a 20 andares (BAURU, 2008). O Centro tem sua área delimitada pelo triângulo formado pelas avenidas Duque de Caxias, Nações Unidas e Nuno de Assis. A região central se destaca pela grande oferta de comércio, serviços, instituições públicas e pelo Calçadão da Batista de Carvalho, grande shopping a céu aberto. Na mobilidade, a avenida Rodrigues Alves (até qd.13) é a principal via da cidade que liga a região leste ao Centro e o principal corredor do transporte coletivo. Outras vias importantes são as paralelas: rua 1º de Agosto, rua Bandeirantes, rua Cussy Júnior, rua 7 de Setembro, rua 15 de Novembro. As vias que têm principal fluxo de ligação com a região do Jardim Estoril (sul) e Jardim Bela Vista (noroeste) são: rua Araújo Leite, rua Antônio Alves, rua Gustavo Maciel, rua Rio Branco, rua Agenor Meira, rua 13 de Maio, rua Virgílio Malta, rua Azarias Leite, rua Gérson França, rua Monsenhor Claro, rua Rubens Arruda e a avenida Pedro de Toledo que liga o Centro à Vila Falcão (oeste). Os espaços de lazer destacam-se a Praça Rui Barbosa (Catedral do Divino Espírito Santo), a Praça D. Pedro II (Câmara Municipal), a Praça Machado de Mello (Estação Ferroviária NOB) e a Praça Rodrigues de Abreu (Igreja Santa Terezinha do Menino Jesus).



Figura 01: Perímetro do Centro de Bauru. (Fonte: Elaborado pelo autor com base em Google Earth, 2023).

O município tem como vegetação predominante o Cerrado e a Floresta Estacional Semidecidual. Há também fragmentos de mata ciliar, que acompanham boa parte dos rios e córregos, mas estão degradados e reduzidos. Bauru está localizado no Planalto Ocidental no Estado de São Paulo, no divisor de águas das grandes bacias Tietê-Batalha e Tietê-Jacaré. A maior parte da área urbana do município está na bacia hidrográfica do rio Bauru, que recebe quase todo o esgoto sem tratamento. Todos os seus afluentes estão contaminados e, ao sair do município, o rio Bauru tem quase zero de oxigênio dissolvido na água, contaminando o rio Tietê. Apesar de ter uma ampla rede de drenagem, as galerias pluviais do município são precárias e ineficientes, e a impermeabilização e a ocupação de áreas de fundo de vale e de

cabeceira aumentam e intensificam os processos erosivos e os problemas de inundações (BAURU, 2015). O objeto de estudo tem influência do Rio Bauru, com margens no complexo ferroviário e o leito seguindo pela avenida Nuno de Assis, e o Córrego das Flores, canalizado na década de 1950 para construção da avenida Nações Unidas, com nascente no Parque Vitória Régia e deságua no Rio Bauru na altura da avenida Nuno de Assis. O clima da cidade é tipicamente tropical, com verão quente e chuvoso e inverno frio e seco, porém alguns fatores implicam no aumento do microclima da região central da cidade. Segundo Mascaró (2004, p.37), um microclima é uma alteração climática com características próprias e reconhecíveis, um ambiente atmosférico com limites físicos definidos, como uma rua específica, por exemplo, que atendem a dois requisitos básicos: a regularidade e, principalmente, ter um ciclo diário que varia de forma previsível ao longo do dia. A região central de Bauru, devido ao seu elevado grau de urbanização, possui pouca vegetação e arborização, o que contribui para o aumento do microclima nessa área da cidade.

Através de macrozonas urbanas, o Plano Diretor Participativo do Município de Bauru, que está em vigor e foi estabelecido pela Lei nº 5.631 de 22 de agosto de 2008, organiza e orienta as ações e estratégias para o desenvolvimento integral das funções sociais da cidade. Para o equilíbrio do desenvolvimento da macrozona I – Zona Central, são diretrizes (BAURU, 2008):

- I. Revitalização dos espaços públicos;
- II. Aprimoramento do sistema viário, da iluminação, da arborização e do mobiliário urbano;
- III. Estímulos à habitação e ao comércio noturno;
- IV. Estímulos à recuperação e valorização de prédios tombados e de interesse histórico-cultural;
- V. Estímulo à ocupação dos imóveis na margem da ferrovia;
- VI. Estímulo à instalação de serviços públicos;
- VII. Utilização de operação urbana consorciada ou consórcio municipal;
- VIII. Utilização da transferência do direito de construir.

No entanto, com uma análise crítica é possível observar a não aplicação dessas diretrizes na região central de Bauru, que enfrenta os problemas urbanos como a descaracterização e a degradação dos edifícios históricos e tombados do patrimônio público, a falta de incentivo à habitação, o horário noturno caracterizado pela insegurança e deficiências na mobilidade de transporte, acessibilidade, arborização e mobiliário urbano. No entanto, a área ainda desperta sentimentos de afeto à história de sua formação.

4.2. A metodologia de exploração das percepções e sentimentos dos habitantes de Bauru sobre o ambiente da região central

Neste estudo, para analisar e diagnosticar as sensações topofílicas e topofóbicas dos moradores bauruenses em relação ao Centro da cidade, adotou-se a metodologia proposta por Whyte (1977), definida pela tríade: observando, perguntando e ouvindo e registrando. Durante a fase de “observação”, foi formulado e aplicado um questionário online disparado aos moradores de Bauru no qual identificou o perfil dos respondentes e obteve um reconhecimento do objeto de estudo. No mesmo questionário, para a etapa de “perguntando”, foi incluso questões abertas, fechadas e mistas, a fim de entender as percepções e sentimentos dos respondentes. A fase de “ouvindo e registrando” foi realizada a tabulação das respostas obtidas, análise e formalização deste trabalho.

4.3. “Observando e Perguntando”: o desenho do questionário

Para compreender a conexão entre os residentes e o ambiente da região central, investigando seus sentimentos e percepções topofílicas e topofóbicas, o questionário foi estruturado em três seções. A primeira seção coletou dados pessoais, a segunda concentrou-se concentrou nas interações e percepções dos habitantes com a paisagem e o entorno do Centro de Bauru, e a terceira seção consistiu na avaliação e classificação de locais populares na região central.

A coleta dos dados pessoais dos moradores, como: idade, gênero, grau de escolaridade, profissão e tempo de moradia na cidade, foi determinante para compreender a relação e experiência com o ambiente. Tuan (2015, p.77), ressalta que a relação da idade, em cada ciclo de vida, o comportamento humano desempenha um papel significativo na ampliação das respostas humanas ao mundo. A questão do gênero pode influenciar a sua relação com a cidade, uma vez que, como mencionado por Tuan (2015, p.75), a manifestação de topofilia e topofobia pode variar de acordo com as particularidades de cada gênero. Por exemplo, os homens podem experimentar uma sensação de maior segurança devido à sua maior massa corporal, e, de forma geral, pode haver uma notável discrepância na forma como cada gênero percebe o ambiente urbano. A variável de escolaridade foi utilizada como um indicador da educação e cultura que uma pessoa poderia demonstrar em suas respostas. Em contraste, o tempo de residência na cidade foi empregado para distinguir entre os moradores locais, com um ano ou mais de vivência na cidade, e os visitantes, uma vez que, de acordo com Tuan (2015, p.88), costumam ter uma perspectiva limitada, focando principalmente na observação visual e criação de imagens, enquanto os nativos possuem uma relação mais profunda e complexa com o ambiente em que vivem.

Na segunda parte do questionário, aprofundou a exploração nas interações dos habitantes com o ambiente do Centro de Bauru, analisando e conhecendo alguns aspectos sobre comportamento e práticas. Investigou a frequência com que costumam visitar a região central, os horários, o meio de transporte que utilizam para chegar lá, as atividades que desempenham enquanto estão na área e o tempo médio de permanência. A fim de compreender os afetos (topofilia) e aversões (topofobia) dos habitantes com a região central de Bauru, perguntas tanto abertas quanto fechadas foram formuladas para analisar o conforto, segurança e afeto dos habitantes em relação à região. Explorou as percepções sobre a arquitetura e urbanismo locais, além de investigar locais evitados devido a desconforto ou insegurança. Os moradores também compartilharam suas memórias afetivas, destacaram pontos positivos e negativos e identificaram suas preferências que mais lhes agradam e menos agradam em termos de paisagem urbana. Essas perguntas abrangentes forneceram uma visão rica e holística das experiências e percepções dos habitantes em relação a este importante espaço urbano.

Na terceira parte, realizou uma análise das percepções relativas aos elementos arquitetônicos e urbanísticos da região central de Bauru. Para este propósito, utilizou do método que envolveu a classificação de paisagens previamente definidas com base em níveis de satisfação que variaram de 1 a 5, categorizadas em: 1 = Totalmente Insatisfeito; 2 = Insatisfeito; 3 = Indiferente; 4 = Satisfeito; 5 = Totalmente Satisfeito. Essa abordagem permitiu avaliar de forma sistemática como os participantes percebem esses elementos e quais aspectos da região central geram diferentes níveis de satisfação.

4.4. “Ouvindo e Registrando”: análise dos resultados obtidos

O questionário on-line recebeu respostas de 47 participantes durante o período de 10/10/2023 a 31/10/2023. A análise dos dados foi organizada em três etapas: (1) identificação do perfil dos participantes; (2) análise das interações, comportamentos e práticas dos moradores com o Centro da cidade de Bauru, bem como diagnóstico dos seus afetos (topofilia) e aversões (topofobia) em relação à paisagem do objeto de estudo; e (3) classificação da satisfação dos participantes com as paisagens previamente definidas, considerando os elementos arquitetônicos e urbanísticos do Centro de Bauru. Vale ressaltar que os dados não foram submetidos a análises estatísticas, sendo apenas apresentados em formato de figuras e gráficos para uma compreensão mais acessível.

4.4.1. Identificação dos perfis dos participantes

Em relação ao perfil dos participantes, observou-se uma faixa etária entre 18 e 70 anos (ver Gráfico 01). A maioria dos participantes, 72,3%, são do sexo feminino, enquanto o

sexo masculino representa 27,7% (ver Gráfico 02). Além disso, a maior parte dos participantes, 74,5%, possui ensino superior completo (ver Gráfico 03) e exercem profissões variadas (ver Figura 02). É relevante notar que 45,7% são naturais de Bauru, enquanto 54,3% residem há mais de um ano (ver Gráfico 04). Esses dados fornecem uma visão abrangente das diversas personalidades presentes e de como elas interagem com o espaço urbano.

Faixa Etária

- de 18 a 30 anos
- de 31 a 50 anos
- de 51 a 70 anos

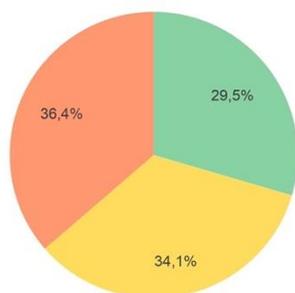


Gráfico 01: Faixa etária dos participantes.
(Fonte: Elaborado pelo autor, 2023).

Gênero

- Feminino
- Masculino

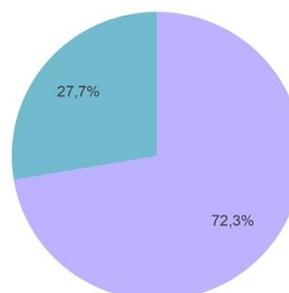


Gráfico 02: Gênero dos participantes.
(Fonte: Elaborado pelo autor, 2023).

Grau de Escolaridade

- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Médio Completo
- Ensino Superior Incompleto
- Ensino Superior Completo

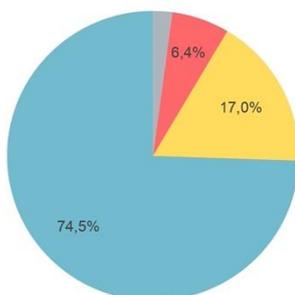


Gráfico 03: Grau de escolaridade dos participantes.
(Fonte: Elaborado pelo autor, 2023).

Tempo de Moradia

- A vida toda
- Mais de 1 ano

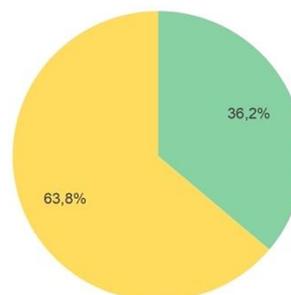


Gráfico 04: Tempo de moradia dos participantes.
(Fonte: Elaborado pelo autor, 2023).



Figura 02: Nuvem de palavras com a profissão dos participantes.
(Fonte: Elaborado pelo autor, 2023).

4.4.2. Análise das interações dos moradores com o Centro de Bauru e o diagnóstico dos sentimentos de topofilia e topofobia

Ao analisar as interações dos participantes com o objeto de estudo, observamos que a região central de Bauru é frequentemente visitada (Ver Gráfico 05) pelo menos uma vez por semana por 16 participantes, embora haja 6 pessoas que não frequentam a área. As visitas ocorrem principalmente aos sábados (9 respostas). Quanto aos horários de visita (Ver Gráfico 06), a manhã e à tarde são os períodos mais populares, com 25 e 19 respostas respectivamente. No entanto, o número de visitas noturnas cai drasticamente para apenas 5. Em relação ao tempo de permanência (Ver Gráfico 07), a maioria dos participantes (16 respostas) permanecem na região por até 2 horas, seguido por até 1 hora (13 respostas). Apenas um participante relatou permanecer na região por mais de 4 horas. O carro é o principal meio de transporte utilizado pelos participantes para chegar à região, representando 78,7% das respostas. O ônibus vem em segundo lugar, com 14,9%. As atividades mais realizadas na região central incluem compras no comércio, atendimento em serviços e médicos, refeições e integração nos pontos de ônibus, entre outras.

Frequência de Visita



Gráfico 05: Frequência de visita dos participantes na região central de Bauru. (Fonte: Elaborado pelo autor, 2023).

Horário de Visita



Gráfico 06: Horário de visita dos participantes na região central de Bauru. (Fonte: Elaborado pelo autor, 2023).

Tempo de Permanência

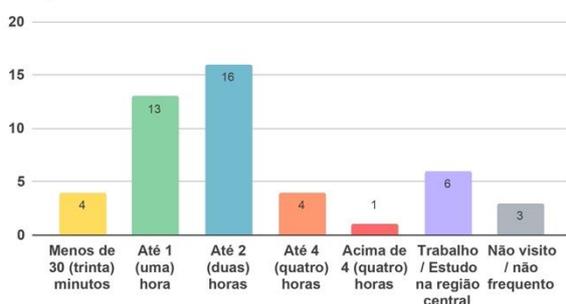


Gráfico 07: Tempo de permanência dos participantes na região central de Bauru. (Fonte: Elaborado pelo autor, 2023).

Meio de Transporte

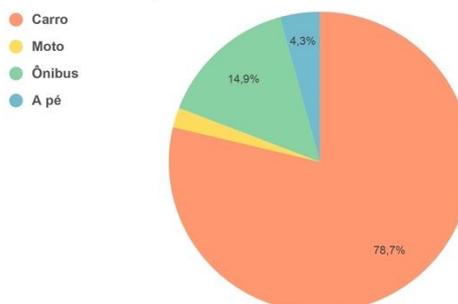


Gráfico 08: Meios de transporte utilizados pelos participantes. (Fonte: Elaborado pelo autor, 2023).



Figura 03: Nuvem de palavras com as atividades realizadas pelos participantes na região central de Bauru. (Fonte: Elaborado pelo autor, 2023).

Quanto aos afetos e sentimentos dos participantes, 72,3% deles não se sentem seguros (ver Gráfico 09) na região central de Bauru. Apesar disso, 42,6% afirmam se sentir confortáveis (ver Gráfico 10) na região, mas 78,7% consideram não morar lá (ver Gráfico 11). Quando questionados sobre como as características arquitetônicas e urbanísticas da região afetam seus sentimentos (ver Gráfico 12), as respostas foram equilibradas: 38,3% se sentem positivamente afetados, 31,9% negativamente afetados e 29,8% não são afetados. Alguns participantes expressaram sentimentos de desconforto e medo em relação a elementos específicos da região central (ver Figura 04), como o antigo edifício e o complexo ferroviário da NOB, a Praça Rui Barbosa e o Calçadão da Batista de Carvalho. As percepções de insegurança, presença de moradores de rua e de usuários de drogas, perigo e iluminação insuficiente à noite foram citadas como motivos de preocupação. Ao descrever a atmosfera da região central (ver Figura 05), os participantes usaram palavras como “abandono”, “pouco segurança”, “degradado” e “caótico”, indicando uma percepção geralmente negativa do local.

Você se sente **SEGURO** na região central de Bauru?

● Sim
● Não

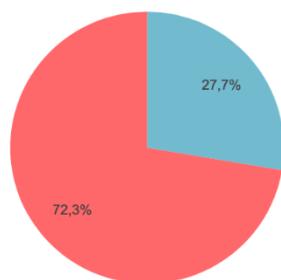


Gráfico 09: Grau de sensação de segurança dos participantes na região central de Bauru. (Fonte: Elaborado pelo autor, 2023).

Você se sente **CONFORTÁVEL** na região central de Bauru?

● Sim
● Não

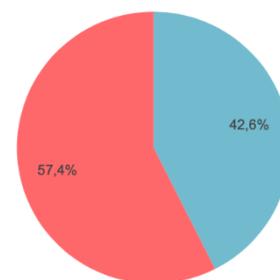


Gráfico 10: Grau de sensação de conforto dos participantes na região central de Bauru. (Fonte: Elaborado pelo autor, 2023).

Você moraria na região central de Bauru?

- Sim
- Não
- Já moro na região central

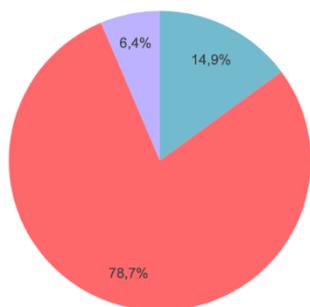


Gráfico 11: Grau de preferência dos participantes em moradia na região central de Bauru. (Fonte: Elaborado pelo autor, 2023).

As características do local arquitetônicas ou urbanísticas que afetam seus sentimentos?

- Não me afetam
- Sim, me afetam positivamente
- Sim, me afetam negativamente

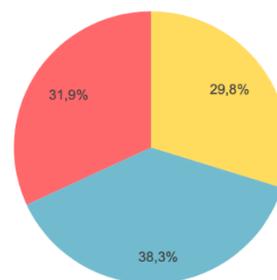


Gráfico 12: Grau de sensibilidade dos participantes em relação à região central de Bauru. (Fonte: Elaborado pelo autor, 2023).



Figura 04: Nuvem das principais palavras descritas pelos participantes sobre as percepções de medo, desconforto e sentimentos de elementos na região central de Bauru. (Fonte: Elaborado pelo autor, 2023).



Figura 05: Nuvem das principais palavras descritas pelos participantes sobre a percepção da atmosfera da região central de Bauru. (Fonte: Elaborado pelo autor, 2023).

Ao avaliar as percepções positivas e negativas dos participantes em pontos da região central de Bauru (ver Gráfico 13), constatou-se que a maioria expressou negativa em relação à segurança (80,9%), condição das calçadas (66,0%) e acessibilidade (74,5%), arborização (78,7%), iluminação (69,9%), limpeza (80,9%), mobiliário urbano (72,3%), lazer (80,9%) e educação (68,1%). No entanto, também foram destacados alguns aspectos positivos, como os edifícios históricos, que preservam a história da cidade, e o comércio, que representa a maior concentração da cidade.

Pontos positivos e negativos da região central de Bauru

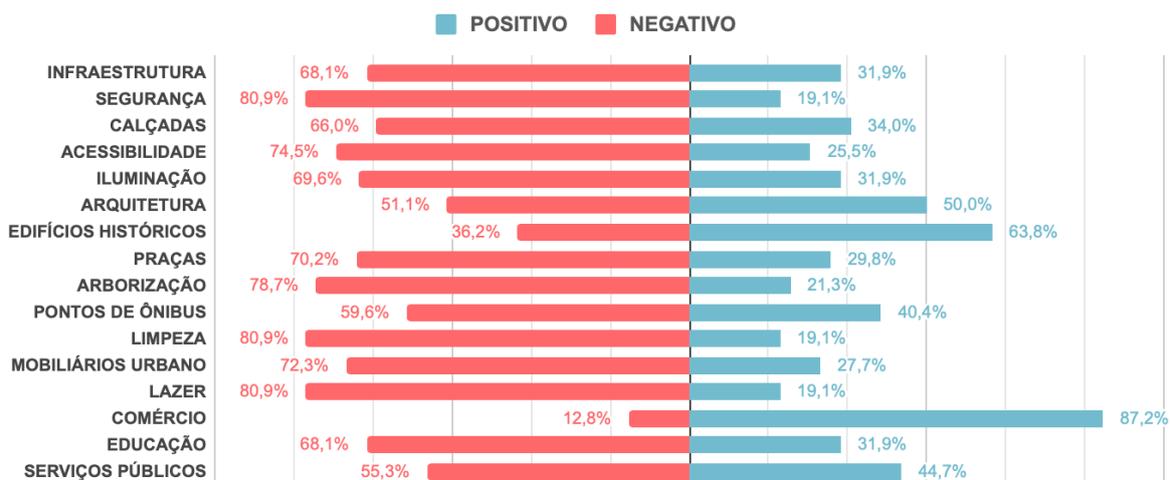


Gráfico 13: Grau de análise dos participantes em relação aos pontos positivos e negativos da região central de Bauru. (Fonte: Elaborado pelo autor, 2023).

Ao explorar as memórias (ver Figura 09) dos participantes, é evidente um forte sentimento de nostalgia à infância e adolescência, lembrando de espaços que eram preservados, como o edifício da Estação Ferroviária NOB, a Praça Rui Barbosa, os passeios e compras no calçadão da Batista de Carvalho, além das lembranças das festas de final de ano.



Figura 06: Nuvem de palavras com as memórias dos participantes em relação a região central de Bauru. (Fonte: Elaborado pelo autor, 2023).

Quando questionados sobre as paisagens que mais lhes agradam e as que menos lhes agradam (ver Figuras 07 e 08), as respostas foram notavelmente semelhantes. A Praça Rui Barbosa foi citada como o local mais apreciado devido à sua história e localização. Em contraste, a Estação Ferroviária foi mencionada como o local menos apreciado devido ao seu estado de descuido e degradação.



Figura 07: Nuvem de palavras com as paisagens urbanas da região central de Bauru que mais agradam os participantes. (Fonte: Elaborado pelo autor, 2023).



Figura 08: Nuvem de palavras com as paisagens urbanas da região central de Bauru que menos agradam os participantes. (Fonte: Elaborado pelo autor, 2023).

4.4.3. Avaliação da satisfação das paisagens no Centro de Bauru

Neste estudo, utilizamos um método de classificação de 1 a 5 para permitir que os participantes avaliassem sua satisfação em relação aos elementos arquitetônicos (ver Gráfico 14) e urbanísticos previamente definidos na região central de Bauru. Isso nos permitiu avaliar sistematicamente o seu grau de satisfação.

O Pátio do Complexo Ferroviário e a Estação Central NOB apresentaram altos índices de insatisfação, com 42,6% e 40,4% das pessoas totalmente insatisfeitas, respectivamente. Isso é resultado da degradação e mau uso do espaço.

Além disso, o Hotel Estoril e o Hotel Milanese, ambos localizados na primeira quadra da Avenida Rodrigues Alves, tiveram 72,3% e 63,8% das pessoas totalmente insatisfeitas, respectivamente. Isso se deve ao estado de ruína em que se encontram.

Por outro lado, locais como a Pinacoteca Municipal, a Avenida Rodrigues Alves e a Duque de Caxias demonstraram satisfação por parte dos participantes, com índices de 40,4%, 31,9% e 38,3%, respectivamente. O Calçadão da Batista de Carvalho apresentou um índice de insatisfação de 38,3%, enquanto o índice de satisfação foi de 23,4%.

Grau de satisfação de elementos da paisagem urbana da região central de Bauru

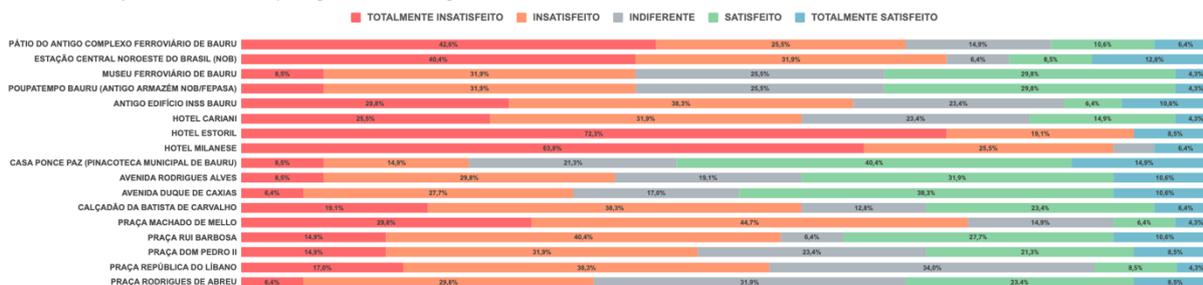


Gráfico 14: Grau de satisfação dos participantes em relação aos elementos da paisagem urbana da região central de Bauru. (Fonte: Elaborado pelo autor, 2023).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, este estudo empregou a metodologia de observação, questionamento e registro para investigar as sensações de topofilia e topofobia entre os residentes da região central de Bauru. O questionário estruturado em três seções permitiu uma análise abrangente das percepções e experiências dos participantes em relação ao ambiente urbano.

Os resultados revelaram um perfil diversificado dos participantes em termos de idade, gênero, escolaridade, profissão e tempo de residência na cidade. Essas informações foram essenciais para compreender como as características individuais influenciam a relação das pessoas com o ambiente urbano.

No que diz respeito às interações dos moradores com o Centro de Bauru, foi observado que a região é frequentemente visitada, principalmente aos sábados, com a manhã e a tarde sendo os períodos mais populares. O meio de transporte mais utilizado é o carro, e as atividades incluem compras, atendimento em serviços médicos, refeições e integração nos pontos de ônibus.

Quanto aos afetos dos participantes, a maioria não se sente segura na região central, embora alguns se sintam confortáveis. As percepções gerais sobre a arquitetura e urbanismo local variaram, com alguns participantes expressando sentimentos de desconforto e medo em relação a elementos específicos da região. As paisagens mais apreciadas incluem a Praça Rui Barbosa, enquanto a Estação Ferroviária é vista com desagrado devido ao seu estado de descuido.

A avaliação da satisfação das paisagens na região central de Bauru revelou altos índices de insatisfação em relação a locais como o Pátio do Complexo Ferroviário, a Estação Central NOB, o Hotel Estoril e o Hotel Milanese devido à degradação e ruína. Por outro lado, locais como a Pinacoteca Municipal, a Avenida Rodrigues Alves e a Duque de Caxias receberam níveis mais elevados de satisfação.

Em resumo, este estudo proporcionou percepções valiosas sobre a relação dos moradores com a região central de Bauru, identificando áreas de insatisfações e sugestões para melhorar a qualidade de vida urbana na área. As percepções individuais e coletivas foram analisadas, destacando a complexidade da relação entre os habitantes e o ambiente urbano. Esses resultados podem servir como ponto de partida para a reflexão sobre o desenvolvimento e a melhoria da paisagem urbana do Centro de Bauru, visando torná-lo mais acolhedor e seguro para seus habitantes. Com base nas informações coletadas, políticas públicas e iniciativas de planejamento urbano podem ser direcionadas para atender às preocupações e preferências da comunidade.

REFERÊNCIAS

- BAURU, Prefeitura Municipal de. Lei nº 5.631, de 22 de agosto de 2008. Institui o Plano Diretor Participativo do Município de Bauru. Disponível em: <https://sites.bauru.sp.gov.br/planodiretor/lei.aspx>. Acesso em: 15 out. 2023.
- BAURU, Prefeitura Municipal de. Plano Municipal de Conservação e Recuperação da Mata Atlântica e do Cerrado. 2015. Disponível em: https://www2.bauru.sp.gov.br/semma/mata_atlantica.aspx. Acesso em: 15 out. 2023.
- BONAMETTI, João Henrique. Paisagem urbana bases conceituais e históricas. Revista Terra & Cultura: Cadernos de Ensino e Pesquisa, [S.l.], v. 20, n. 38, p. 107-123, abr. 2020. Disponível em: <http://periodicos.unifil.br/index.php/Revistatesteste/article/view/1332>. Acesso em: 04 out. 2023.
- BONI, Débora Maria Svizzero; SALCEDO, Rosio Fernández Baca. Cronotopo sóciofísico do espaço público em centro urbano consolidado. Architectonics: Mind, Land & Society, Universitat Politècnica de Catalunya, ed. 31, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/2117/133928>. Acesso em: 4 out. 2023.
- CHAMMA, Paula Valéria Coiado; SALCEDO, Rosio Fernández Baca. Ensino dialógico do projeto arquitetônico em áreas históricas. In: FONTES, Maria Solange G. de Castro; FARIAS, Obede B.; SALCEDO, Rosio F. B. Ensino dialógico do projeto arquitetônico em áreas históricas. Bauru/SP: Cultura Acadêmica, 2016. p. 47-67.
- CODEPAC - Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Bauru. Disponível em: https://sites.bauru.sp.gov.br/codepac/bens_tombados.aspx. Acesso em: 15 out. 2023.
- CONDEPHAAT. Resolução SC-22, de 22 de março de 2018. Dispõe sobre o tombamento do Complexo Ferroviário da Bauru, no município homônimo. Disponível em: <http://condephaat.sp.gov.br/benstombados/complexo-ferroviario-de-bauru>. Acesso em: 22 jan. 2022.
- DEBORD, Guy E. Introdução a uma crítica da geografia urbana. In: JAQUES, P. Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro/RJ: Casa da Palavra, p. 39-42, 2003.
- DORFMAN, Alex *et al.* *Social spatial cognition*. Neuroscience & Biobehavioral Reviews, v. 121, p. 277-290, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.neubiorev.2020.12.023>. Acesso em: 18 out. 2023.
- EICHENBAUM, Howard. *The Hippocampus as a Cognitive Map ... of Social Space*. Neuron, v. 87, n. 1, p. 9-11, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.neuron.2015.06.013>. Acesso em: 18 out. 2023.
- FERNÁNDEZ, Matías Mendel; ÁGUILA, Víctor Montre. Imaginarios urbanos sobre topofilia y topofobia: el caso de la ciudad de Chiguayante, Región del Biobío. Revista de Urbanismo, n. 38, p. 1-16, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5354/0717-5051.2018.48702>. Acesso em: 12 out. 2023.
- GHIRARDELLO, Nilson. À beira da linha, formações urbanas da Noroeste paulista. São Paulo/SP: Editora UNESP, 2002.
- GHIRARDELLO, Nilson. A nova estação da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB) em Bauru, símbolo arquitetônico e político de uma ferrovia estratégica. Patrimônio e Memória, Assis/SP, v. 16, n. 1, p. 114-141, 2020.
- GHIRARDELLO, Nilson. Aspectos do Direcionamento Urbano da Cidade de Bauru. 1992. p. 187. Dissertação de Mestrado (Curso de Arquitetura e Urbanismo) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos/SP, 1992.
- HIERNAUX, Daniel. *Los imaginarios urbanos: de la teoría y los aterrizajes en los estudios urbanos*. EURE (Santiago, Chile), v. 33, n. 99, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.4067/s0250-71612007000200003>. Acesso em: 18 out. 2023.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Painel Cidades@: Dados populacional de Bauru/SP. 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/bauru>. Acesso em: 15 out. 2023.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Painel Cidades@: Produto Interno Bruto de Bauru/SP. 2020. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/bauru>. Acesso em: 15 out. 2023.
- JORDÃO, Eduardo Gonçalves. A geograficidade dos moradores de Samambaia: topofilia e topofobia. 2021. 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Geografia) - Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2021. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/29793>. Acesso em: 8 out. 2023.
- LANDIM, Paula da Cruz. Desenho de paisagem urbana: as cidades do interior paulista. São Paulo/SP: Editora UNESP, 2004. 132 p.

- LINDÓN, Alicia. *La construcción socioespacial de la ciudad: el sujeto cuerpo y el sujeto sentimiento*. Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad, Córdoba, v. 1, n. 1, p. 06-20, 2009. Disponível em: <http://www.relaces.com.ar/index.php/relaces/article/view/45>. Acesso em: 18 out. 2023.
- LOMBROSO, Paul. Aprendizado e memória. Revista Brasileira de Psiquiatria, v. 26, n. 3, p. 207-210, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1516-44462004000300011>. Acesso em: 18 out. 2023.
- LOPES, Jahan Natanael Domingos. Topofilia e Topofobia: entre a geopsicologia e a psicogeografia. Geoconexões, Natal/RN, v. 1, n. 15, p. 212-230, 2023. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/geoconexoes/article/view/14702>. Acesso em: 12 out. 2023.
- MASCARÓ, Lucia. *Ambiência Urbana*. Porto Alegre/RS: MasQuatro, 2ª edição, 2004.
- MIGUEL, Fabiano Koich. Psicologia das emoções: uma proposta integrativa para compreender a expressão emocional. Psico-USF, v. 20, n. 1, p. 153-162, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-82712015200114>. Acesso em: 18 out. 2023.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. *Paisagens urbanas*. 4. ed. São Paulo: Editora Senac, 2019. 436 p.
- PELEGRINA, Gabriel Ruiz. ZANLOCHI, Terezinha Santarosa. *Ferrovia e Urbanização: o caso de Bauru*. Bauru/SP: EDUSC, 1991.
- PINEDA, Edith Elvira Kuri. *Representaciones y significados en la relación espacio-sociedad: una reflexión teórica*. Sociológica, Cidade do México, v. 28, n. 78, p. 69-98, 2013. Disponível em: <http://www.sociologiamexico.azc.uam.mx/index.php/Sociologica/article/view/52>. Acesso em: 18 out. 2023.
- TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Tradução: Livia de Oliveira. Londrina/PR: Eduel, 2015.
- WHYTE, Anne V. T. *Guidelines for field studies in environmental perception*. Paris: Unesco, 1977. p. 117. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000024707>. Acesso em: 15 out. 2023.